

uma análise da imagem da protagonista à luz dos arquétipos da *louca*, da *mártir* e da *santa*, faces recorrentes da mulher de então.

Palavras-chave: Religião; Convento; Literatura; Biografia; Feminino

Tatiana Alves Soares possui Graduação, Especialização, Mestrado e Doutorado em Letras (Literatura Portuguesa) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Desenvolve pesquisa sobre a representação do feminino na Literatura, com tese sobre a mulher na obra de Agustina Bessa-Luís. É docente do CEFET-RJ.

“RECEBERÃO ÀS CARMELITAS COM CANTICOS DE LOUVOR AQUELLA ENGRAÇADA JOYA, QUE APENAS CONTAVA SEIS ANOS DA SUA IDADE” – O MECENATO DA INFANTA D. MARIA (1644–1693) E OS CONVENTOS CARMELITAS DE SANTA TERESA E DE S. JOÃO DA CRUZ DE CARNIDE

Teresa de Campos Coelho (CHAM (Centro de Humanidades – FCSH, Universidade Nova de Lisboa. | Comissão de Estudos Históricos da Ordem dos Carmelitas Descalços)¹

No âmbito da problemática abordada na nossa tese de doutoramento sobre o apoio e protecção dada pela Dinastia de Bragança à Ordem dos Carmelitas Descalços, questão que temos vindo a desenvolver também em trabalhos posteriores, analisaremos aqui a importância da acção mecenática da Infanta D. Maria (1644–1693) para a construção e renovação artística de conventos desta ordem religiosa.

Filha natural de D. João IV (1604-1656) é o próprio monarca que, no seu testamento datado de 2 de Novembro de 1656, nos deixa notícia desta sua filha não revelando o nome da mãe “huma mulher solteira, limpa de sangue”, segredo que ficaria para sempre bem guardado com o seu secretário António Cavide, a quem fora confiada a princesa. Dotando-a de avultados bens, grande parte dos seus rendimentos seriam aplicados pela Infanta na reconstrução da igreja do Convento de Santa Teresa de Carnide (onde entrara com apenas seis anos de idade) iniciada em 1662, e na fundação do vizinho convento de S. João da Cruz em 1681.

Contrariamente ao que sucedeu com o Convento de Santa Teresa, cuja importância das campanhas de obras realizadas pela Infanta podem ainda hoje ser observadas (mesmo que mutiladas em alguns dos seus elementos), S. João da Cruz não escaparia incólume às vicissitudes por que passaria o edifício, nomeadamente com a extinção das Ordens Religiosas em 1834, as quais teriam como consequência a destruição total da sua igreja, Ao analisar as campanhas de obras por si financiadas, integrando-as quer no contexto da arte barroca, quer na esfera da encomenda real, abordaremos ainda a questão da possível autoria dos respectivos projectos, atribuídos à família dos arquitectos régios *Nunes Tinoco*, cuja colaboração com os Carmelitas Descalços se estendeu também a outros conventos da ordem.

¹ A autora não adopta o acordo ortográfico.

Palavras-chave: Infanta D. Maria (1644–1693); Lisboa; Arte; Barroco; Carmelitas Descalços.

Teresa de Campos Coelho Arquitecta, Doutorada em História da Arte pela Universidade Nova de Lisboa, foi docente de História da Arte no Ensino Secundário e assistente convidada na Universidade Aberta. No âmbito da Reabilitação Urbana colaborou com o *Gabinete* da Mouraria (CMLisboa). É membro integrado do CHAM (Centro de Humanidades) da FCSH da Univ. Nova de Lisboa, e da *Comissão de Estudos Históricos* da Ordem dos Carmelitas Descalços.

Neste âmbito tem publicado diversos estudos e realizado conferências no estrangeiro e em Portugal

BEATAS E BEATÉRIOS – A ESPIRITUALIDADE DAS LEIGAS NA IDADE MÉDIA

Teresa Margarida Rodrigues Baltazar Neves Sequeira Rodrigues (Teoria e História do Direito – Centro de Investigação da Universidade de Lisboa)

Nesta pequena exposição pretendemos delimitar o contexto histórico e a importância que tiveram os beatérios, isto é, as pequenas comunidades formadas por mulheres que detinham uma particular devoção, sendo que algumas tomavam o hábito religioso. Estas viviam sobretudo no meio urbano, encontrando-se dispensadas de pronunciar votos e estando também isentas da prática de algumas regras canónicas, não obstante não pertencerem a nenhuma congregação ou ordem religiosa, embora de alguma forma, encontramos casos de estreita colaboração com as Ordens Franciscana e Dominicana. Pretendemos, realizar um estudo comparativo entre o caso Português e o caso Flamengo, tendo em atenção se estes últimos, de alguma forma, determinaram o aparecimento de Beatas e Beatérios no nosso País

O modo diferente de viver a fé destas damas seculares, comumente conhecidas como beatas, estava de algum modo interligado com o mundo monástico e conventual, sem com ele se confundir. Esta forma de espiritualidade teve profundas implicações sociais, económicas, políticas e também na própria forma de construção das cidades (veja-se a título de exemplo o centro histórico de Bruges, na Bélgica), pelo que se impõe um estudo sobre este tema.

Sabemos que a sua origem remonta ao século XII (Liège) e expandiu-se, rapidamente, pelo centro da Europa, com particular incidência em França, Itália, Países Baixos, Alemanha, Polónia e Hungria. Em Portugal, existem referências à existência de Beatérios em Braga, Coimbra e Évora, embora de curta duração. De igual forma, cumpre saber de que modo existiu ou não influência régia no seu estabelecimento, e quais as causas para a pouca adesão a estes lugares de oração, ao contrário do que aconteceu no centro da Europa em que os mesmos subsistiram durante séculos (inclusive até aos finais do século XIX, princípios do século XX). Mas, acima de tudo, pretendemos estudar qual foi o seu regime jurídico-canónico.

Como disse Régine Pernoud no seu livro *A Virgem e os Santos na Idade Média* “o movimento das Beatas seduz porque propõe às mulheres existirem sem ser esposas, nem religiosas, emancipadas de qualquer dominação masculina”. Assim pretendemos saber se se tratou de um movimento de verdadeira emancipação do feminino numa sociedade marcadamente dominada por homens.